

**“TODO PODER EXCESSIVO DURA POUCO”:
ENTREVISTA COM CLÁUDIO AGUIAR**

Samarkandra Pereira dos Santos Pimentel (UFPB)
samarkandra@gmail.com



1. À guisa de explicação

A pluralidade de tendências, marca indelével da ficção de 70 e 80, fez com que essa literatura tanto trouxesse algumas “marcas de continuidade”, acompanhadas de acréscimos inovadores, como também se aproximasse de uma “produção literária contemporânea da Europa e da América do Norte tida como pós-modernista” (COUTINHO, 2004, p. 238-239). Dos anos 70, destacam-se as ficções-reportagem, as obras memorialísticas, as de cunho fantástico e as intimistas, sobretudo as de literatura feminina. Nos anos 80, sobressai “a narrativa fragmentada, de incorporação da mídia e caráter predominantemente especular e autoindagador” (*idem*, p. 239).

Os novos escritores surgidos principalmente nos anos 90, alguns menos conhecidos que outros, são “representativos de vários estados brasileiros”, mesmo quando ainda não “aconteceram” editorialmente, “devido ao limitativo circuito do eixo Rio-São Paulo” (*idem*, p. 276), alfineta Afrânio Coutinho. Assim, o crítico, com claro intuito de “os fazerem acontecer”, cita os “vivos, que estão atuantes e publicando livros” (*idem*), tanto novos como veteranos. Ele não menciona, porém, Cláudio Aguiar que, na data da publicação da 7ª edição, em 2004, do referido manual (considerado “um dos maiores tratados de história literária”), já havia lançado nada menos que 12 livros. Nisto, infelizmente, Coutinho falha, pois o seu objetivo declarado é abordar as obras dos “escritores de maior atividade nesse período” (*idem*, p. 278). Cláudio Aguiar também está ausente nos manuais de Castello (1999) e Bosi (1994)... Porém, a meta aqui está longe de ser a de censurar gratuitamente esses renomados críticos, sendo antes “dar alguns passos” com intuito de sanar esta falta.

Cláudio Aguiar nasceu em 1944, em Poranga, no Ceará. Na juventude, porém, trocou a terra natal por Recife, onde se formou em Direito, tendo feito seu doutoramento em Salamanca, na Espanha. Hoje vive no Rio de Janeiro e passa temporadas em Olinda. Iniciou sua carreira literária em 1972, com o livro de contos *Exercício para o salto*, mas também enveredou por outros gêneros, escrevendo poemas, romances, novelas, peças de teatro e ensaios críticos. Em 1994, a Cátedra de Poética Fray Luís de León, da Universidade Pontifícia de Salamanca, outorgou-lhe o título de honra. Tal feito, rendeu-lhe um livro *Viento del Nordeste – Homenaje internacional al escritor brasileño Cláudio Aguiar*, conjunto de breves ensaios acerca de sua obra. Este foi apenas um dos vários prêmios já recebidos. Também teve alguns de seus livros traduzidos para o francês, espanhol e russo. É membro do corpo social de várias entidades culturais e literárias, entre as quais ganham destaque a Academia Pernambucana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Há quase 10 anos, sou leitora de sua ficção e dessa frutífera relação com sua obra, escolhi como objeto de estudo para o mestrado, concluído em 2006, seu romance *Caldeirão* (1982), uma obra que ficcionaliza a história da comunidade Caldeirão, localizada na Chapada do Araripe, região do Cariri, destruída em 1936-37. Observei que o autor, ao escolher como narrador um personagem chamado Mestre

Bernadino, mesmo nome de um dos mais importantes remanescentes da comunidade, buscou não somente representar “a verdadeira história” do fim povo do Caldeirão e de seu principal integrante, o beato José Lourenço, mas também apresentar sua trajetória de formação e consolidação, caminho árduo, mas com muitos momentos felizes, que transparecem nas passagens em que são apresentadas as raízes do Cariri – que propositalmente foram aproximadas às raízes do Brasil –, fazendo, assim, com que o leitor, envolvido com esse narrar tão íntimo, sensibilize-se ainda mais com o drama desse povo.

Mas Cláudio Aguiar não se dedicou somente a uma literatura em que o pano de fundo está nitidamente delineado e que tem lugar da ação o campo, como em *Caldeirão* (1982). Buscando um elo, uma ideia que permeie grande parte sua obra literária, constato ser recorrente nos seus enredos históricos ou não, ambientados no campo ou na cidade, a preocupação em não só questionar, mas também denunciar certas ações humanas marcadas pela intolerância.

Assim, vejo como oportuno e original tecer esses breves comentários e agraciar o leitor com uma entrevista que fiz com o autor, concluída no dia 22 de julho. Nela, Cláudio Aguiar fala sobre o início de sua carreira literária, seus livros e seus projetos.

2. *Entrevista com Cláudio Aguiar*

a) **Como o senhor adentrou no mundo da literatura?**

Do ponto de vista cronológico, minha iniciação literária ocorreu em 1972, com a publicação do livro de contos *Exercício para o salto*. Foi uma fase de aprendizado, na qual, via de regra, o escritor iniciante acredita ter descoberto a roda. No meu caso pessoal, iniciei pelo gênero mais difícil: a narrativa curta. Hoje, vejo o fazer literário de forma diferente. Aprendi a exercitar outro olhar sobre as coisas e os homens. Todos os dias eu me vejo reiniciando a caminhada de escritor, porque o ato de escrever, em si, é uma constante aprendizagem. Nunca chegaremos a decifrar a esfinge, porque ela, ao dar a impressão de situar-se na mais próxima quadra do horizonte, logo desaparece e, então, após buscá-la por todos os lados, descobrimos que nosso olhar se perde no infinito e não a encontra. No entanto, é preciso continuar a busca, a contemplar o horizonte da vida humana. Por isso, hoje, mais

do que nunca, me declaro um aprendiz de literatura e também de outros misteres, como, por exemplo, a música que me fascina, mais como ouvinte do que como músico diletante.

b) Quais são as suas referências literárias?

Todo leitor, sem dúvida, tem as suas referências e também preferências. As minhas, por já ter vivido muito, desde cedo, foram marcadas, primeiro, pela literatura e o teatro. Mais tarde, descobri outras atrações: história, artes, música etc. Hoje já tenho condições de afirmar que as experiências vividas me proporcionaram uma perspectiva diferente: vejo-me tocado por tudo que me interessa como escritor, isto é, aquele que se dispõe a contar uma história ou a refletir criticamente sobre o destino do ser humano. Daí, ao verificar os títulos de mais de 20 livros já publicados e contemplar os inéditos que se acham metidos nas “caixas do escritório”, chego à conclusão de que fiz apenas duas coisas: contar algumas histórias e refletir criticamente sobre outras tantas situações. No romance, no teatro e na narrativa curta o que faz o escritor é contar histórias. Como tenho algumas ideias sobre os homens e as coisas, também reflito sobre eles em forma de ensaios. Nesse pequeno caudal temático – histórias e ensaios – poderia, portanto, aprisionar o meu universo literário e, por via de consequência, minhas referências.

c) Escritor tanto de narrativas (que abrangem romances, novelas, contos e até biografia), como de peças e poemas, o senhor compôs uma obra diversa. Há tema adequado para cada gênero?

Talvez seja temerário afirmar que sim, mas, a verdade é que há situações em que o tema a ser explorado se recusa a ser narrado sob determinada perspectiva ou ângulo. Concorre para isso, evidentemente, a intenção do escritor ou artista. A atmosfera criada por um poema, por exemplo, poderia ser explorada com a mesma força por um romancista, um pintor ou um músico? Mas, no entanto, há situações que não podem ser pintadas ou reveladas por palavras. Às vezes, não basta dizer: “eu choro”. As lágrimas físicas têm que rolar sobre a face, ao calor da emoção. O poeta e o romancista recorrem à palavra como

meio eficaz para transmitir seu estado d'alma. Já o músico, sem necessidade da palavra, vale-se do som. O pintor, claro, utilizará as cores e os traços, desprezando, assim, a palavra e o som. Todos, porém, buscam o mesmo resultado: sensibilizar o leitor, o ouvinte ou o observador mediante a instauração de um clima ou atmosfera que só a força do talento criador poderá oferecer. Essa última condição parece ser o fermento indispensável e capaz de fecundar e provocar o rebento da obra de arte, ou seja, chegar àquele ponto “adequado” à fruição. Esse elemento misterioso, alicerçado por uma estética singular e pessoal, no final de contas, só culmina com a obra acabada. Penso que em literatura, o gênero, mais além da simples agrupação de espécies ou classes com características comuns entre si, talvez dependa mais do estado de espírito de abordagem de quem concebe e dá expressão à obra, mesmo rompendo com as regras e os padrões. É por essa contradição (ou contramão?) que as novidades sempre aparecem.

d) O senhor iniciou sua carreira literária em 1972, em tempos de ditadura militar, com o livro de contos Exercício para o Salto. Qual foi a influência desse período histórico no seu fazer literário?

Todo regime de exceção afeta negativamente as pessoas. No caso do escritor ou do artista esse prejuízo talvez seja mais notável, porque, por índole, o criador precisa de liberdade para expressar seus sentimentos. Qualquer forma de censura concorre para inibir ou alterar os comportamentos. Às vezes, essa forma de censura nos afeta de modo sub-reptício, psicológica e moralmente sem mesmo nos dar conta. Somente com o passar do tempo descobrimos os efeitos danosos. No meu caso pessoal, sofri, pelo menos, três constrangimentos diretos, aliás, nunca proclamados ou alardeados. Ocorreram logo após o aparecimento do livro, em 1972, mas não se ligam a ele. O primeiro, foi quando, eu e o poeta José Mário Rodrigues, sofremos interferências da censura na montagem e apresentação dos recitais poéticos “De Castro Alves aos nossos dias” e “Música e poesia no pátio”, realizados no antigo Pátio de São Pedro, no centro do Recife, nos anos de 1972 e 73. No ano seguinte, minha peça de teatro *Suplício de Frei Caneca* sofreu cortes pela censura federal. Ao ser montada pelo grupo Expressão da Faculdade de Filosofia do Recife, sob direção de José Francisco Filho,

antes da estréia todo o elenco foi preso sob a acusação de realizar ato subversivo pelas ruas do Recife. Nem eu escapei de ser preso durante um final de semana e submetido a interrogatório pelo Delegado de Ordem Política e Social. Por fim, fomos todos liberados por causa das corajosas intervenções de madre Escobar e Dom Hélder Câmara.

- e) **O romance *Caldeirão*, de 1982, já na quarta edição, com tradução para o francês, que ficcionaliza um trágico acontecimento histórico ocorrido no interior do Ceará, trouxe-lhe grande notoriedade. A que o senhor credita o interesse da crítica e do público por esta obra?**

É difícil para mim, responder a essa questão. Atribuir o interesse do público por causa de minha fatura literária seria prova cabal de cabotinismo. No entanto, acho que o tema do livro, o conflito social da terra, ainda é, no Brasil, um tabu. Quando esse estigma negativo desaparecer, creio que continuará vigente, porque se constitui em página de nossa história e não pode ser simplesmente virada ao esquecimento. Isso cria interesse pela obra. Por outro lado, *Caldeirão* tem as mesmas características dos movimentos sociais assistêmicos, ou seja, aqueles que se organizam numa posição contrária ao regime estabelecido no que diz respeito à questão da terra. Tenho defendido, em minhas palestras, o ponto de vista que o movimento social de *Caldeirão* se inscreve em um “arco histórico” que se armou desde os tempos dos quilombos, passou por Canudos, Contestado, chegou a Trombas, Ligas Camponesas e, hoje, para o bem ou para o mal, está presente entre nós com o MST. Há, neles, pode-se dizer, um elemento de ligação que os une em torno de uma dimensão histórica difícil de ser negada, apesar dos silêncios impostos, aqui e ali, por áreas interessadas em fazer calar aquelas “vozes” perante as novas gerações. Ainda que meu livro *Caldeirão* não seja um ensaio no sentido rigoroso do termo, aborda o tema do conflito social no campo sob todos os aspectos da condição humana. Revela a origem, o desenvolvimento e a destruição da comunidade camponesa pelos mesmos motivos que levaram as forças repressoras da colônia, do império e da república a sufocar aqueles movimentos sociais. Daí, imagino, o livro *Caldeirão* continuará a ser lido e estudado, como vem acontecendo até hoje, com as sucessivas edições, o aparecimento de várias trabalhos acadêmicos (monografias,

dissertações de mestrado e teses doutorais), debates e as traduções para outros países, como já se deu com a França e a Espanha.

- f) **Em sua obra ganham espaço tanto personagens representativos da nossa história, tais como Frei Caneca, Antônio Conselheiro, Jovita Feitosa, Lampião, etc., como também sobressaem alguns nomes pouco conhecidos do grande público, tais como Clotilde Favais. Todos se acham, porém, marcados pelas relações assimétricas de Poder e, citando Aristóteles, “com aspectos que os distingam dos demais”. Pensando neste elo característico em suas representações, o que o senhor nos diz sobre estas escolhas e esta característica recorrente?**

Em verdade, entre os meus livros publicados, há uns mais conhecidos que outros. *Caldeirão* e *Suplício de Frei Caneca* talvez sejam os mais lidos. Tanto no romance como na peça teatral, efetivamente, as personagens vinculam-se a situações históricas marcantes: beato José Lourenço e Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. No entanto, entre os demais livros já publicados e os inéditos, há uma galeria de outros personagens não marcados pelo caráter histórico, a exemplo dos romances *A volta de Emanuel* e *Os anjos vingadores*; das narrativas de *O comedor de sonhos*; das peças *A emparedada*, *Somba – o menino que não devia chorar*, *Concerto concreto*, *A flauta de Pan* etc. Acontece que boa parte dessas obras ainda não encontrou seus editores ideais. O mesmo raciocínio vale para o meu teatro, que, infelizmente, ainda não encontrou oportunidade entre nossos encenadores. O romance *A Volta de Emanuel*, por exemplo, apesar de publicado no Recife, em 1989, cuja edição de mil exemplares esgotou-se em poucos meses apenas na capital pernambucana, continua praticamente inédito em relação ao resto do Brasil. Mesmo assim, nos últimos anos, foi lido com vivo interesse pelo público russo, ao ser traduzido e publicado em grande tiragem em Moscou. Quanto ao elo recorrente, referido por você como “relações assimétricas de poder”, efetivamente é procedente a observação. Em minhas obras, nas quais não aparece o marco histórico como suporte, as personagens – Emanuel, Somba, a menina amiga do sátiro Pan, Clotilde Favais, César, o garoto de *Os anjos vingadores*, Badzé, Sadoma, o halterofilista Dino Silas, Uomarca, Rosa de Wind-

son etc. – são criadas para expressarem a vivência de conflitos, nas quais as relações de poder se dão sob a ótica da opressão ou do desigual convívio. Na novela *Somba – o menino que não devia chorar*, chego a colocar esta explícita epígrafe de Sêneca: *Omnis nimia potentia brevitare constringitur*, isto é, todo poder excessivo dura pouco. Em *A emparedada*, a tirania do pai sobre a filha Clotilde Favais, leva-o ao paroxismo, ou seja, ao emparedamento da própria filha e, por via de conseqüência, também do próprio neto que crescia em seu útero. Pode-se afirmar, portanto, que, mais em virtude das ações humanas, do que por causa do inexorável destino, como queriam os gregos da antiguidade clássica, a tirania do poder provoca muitos males entre os mortais, e, por isso, precisa ser denunciada.

g) Fale-nos sobre seus atuais projetos literários.

Continuo trabalhando muito. Acabei de escrever mais um livro: *Francisco Julião, uma biografia*, a primeira obra que enfoca a vida, a ação e o pensamento do líder camponês brasileiro. Retomei, nos últimos dias, a conclusão de um romance que se achava interrompido por causa de outros compromissos. Espero concluí-lo ainda este ano. No próximo, se Deus quiser, voltarei a escrever mais uma peça de teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cláudio. *A corte celestial*. Recife: Fundação Cultural Cidade do Recife. Prefeitura da Cidade do Recife, 1996. (Prêmio Lucilo Varejão de 1995).

_____. *A emparedada* (Tragédia). Rio de Janeiro: Calibán, 2002.

_____. *A volta de Emanuel*. Moscou: Vagrius, 2006. (Edição russa do romance de igual título, traduzido por Natália Konstantinova e introdução de Alexei Grichin).

_____. *A volta de Emanuel*. Recife: Cia. Ed. de Pernambuco/Fundarpe. (Prêmio Osman Lins de Romance do Governo do Estado de Pernambuco, 1989. Traduzido e publicado em russo).

_____. *Brincantes do Belo Monte* (Auto). Recife: UFPE, 1994. (Prêmio Hermilo Borba Filho promovido pela UFPE e a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), 1981).

_____. *Caldeirão*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. [4. ed. Calibán, 2005]. (Prêmios: José Olympio de Romance de 1981 e Nacional de Literatura MEC-INL de 1982. Traduzido e publicado em francês e espanhol).

_____. *Complainte nocturne*. L'Harmattan, Paris, 2005. (Edição francesa do romance *Caldeirão* traduzido por Gaby Kirsch e introdução de Sylvie Debs).

_____. *El rey de los bandidos*. Madrid: Verbum, 2009. (Edição espanhola de *Lampião e os meninos*. Tradução de Alfredo Pérez Alencart).

_____. *Exercício para o salto*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1972.

_____. *Flor destruída* (Drama). São Paulo: Editora do Escritor e Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Cultura do Recife, 1976.

_____. *Franklin Távora e o seu tempo* (Biografia). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005. Coleção Afrânio Peixoto.

_____. *Lampião e os meninos*. 3. ed. Recife: Universitária, 1990.

_____. *Medidas e circunstâncias: Cervantes, Padre Vieira, Unamuno, Euclides e Outros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. *O comedor de sonhos* (Narrativas). Rio de Janeiro: Calibán, 2007.

_____. *O monóculo & o calidoscópio. Gilberto Freyre, escritor*. Recife: Massangana, 2010.

_____. *Os anjos vingadores*. Recife: Bagaço, 1994. (Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro de 1981).

_____. *Os espanhóis no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. *Suplicio de Frei Caneca* (Oratório Dramático). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. (Menção honrosa Prêmio de Dramaturgia do Governo de Goiás, 1977).

_____. *Teatro de Franklin Távora*. Organizado por Cláudio Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Coleção Dramaturgos do Brasil.

ANDRADE, Silvana Bento. *A residualidade na obra Caldeirão, de Claudio Aguiar*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de mestrado, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARMONA, Alfonso Ortega; ALEENCART, Alfredo Pérez. (coord.). *Viento del Nordeste*. Homenaje Internacional al Escritor Cláudio Aguiar. Cátedra de Poética Fray Luis de León. Universidade Pontificia de Salamanca, Espanha, 1995.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1999.

CLÁUDIO Aguiar, escritor. Disponível em: www.claudioaguiar.com

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global Vol. VI, 2004.

SANTOS, Samarkandra Pereira dos. *Caldeirão, de Cláudio Aguiar: o narrador se faz memória de um povo*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Dissertação de mestrado, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=175056